

**Regina Cohen, Cristiane Rose Duarte e
Alice Brasileiro**

Regina Cohen: Arquiteta, DSc. *Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/IP/UFRJ)*, Pesquisadora Associada no Departamento de Tecnologia da Construção, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro (DTC/FAU/UFRJ) e Coordenadora do Núcleo Pró-cesso (PROARQ/FAU/UFRJ). **Cristiane Rose Duarte:** Arquiteta, DSc. *Territorial Planning (Sorbonne - Université de Paris-I)*, Professora Titular na FAU/UFRJ e Coordenadora do Núcleo Pró-cesso/PROARQ/FAU/UFRJ. **Alice Brasileiro:** Arquiteta, DSc. *em Arquitetura (PROARQ/FAU/UFRJ)*, Professora na FAU/UFRJ e Pesquisadora do Núcleo Pró-cesso/PROARQ/FAU/UFRJ

O ACESSO PARA TODOS À CULTURA E AOS MUSEUS DO RIO DE JANEIRO

Regina Cohen, Cristiane Rose Duarte e Alice Brasileiro

Resumo

O presente estudo relata resultados de uma investigação sobre acessibilidade em museus (Cohen, 2008), e está inserido nas atividades de pesquisa desenvolvidas no Núcleo de Pesquisa, Ensino e Projeto em Acessibilidade e Desenho Universal (Núcleo Pró-Acesso / PROARQ).

Nosso principal objetivo consiste em avaliar as condições de acessibilidade de pessoas com deficiência (PCDs) aos museus tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) localizados no Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Também estão sendo aprofundados, em nossa fundamentação, os conceitos e a perspectiva das ambiências museais sensíveis, da sensorialidade, dos percursos e da percepção.

Pesquisar a ambiência vivenciada pela pessoa com deficiência no museu e seu percurso para chegar até ele, nos leva à reflexão sobre a experiência do usuário. A diversidade de situações encontradas tem fornecido um conjunto de sensações e de percepções que fazem com que o ambiente museológico seja dotado deste poder de mobilização capaz de gerar medos e inseguranças, mas também emoções e afetos pelo lugar.

Nossos caminhos metodológicos de levantamento dos museus consistem de: entrevistas de cunho etnográfico com os visitantes com e sem deficiência, visitas guiadas, croquis, fotos, filmagens e mapeamento do percurso. Como uma das metas traçadas, estamos traduzindo as descrições do percurso, das sensações e da experiência museal vivida na imagem idealizada na memória, na maneira como os usuários gostariam de percorrer os espaços, se apropriarem deles e com eles se identificarem.

Este artigo apresentará alguns dos resultados já encontrados na pesquisa em andamento, esperando traçar no futuro um amplo programa de estratégias capazes de proporcionar a inclusão de pessoas com deficiência nas ambiências museais, resgatando sua identidade nestes lugares.

Palavras-chave: Ambiências Museais, Deficiência, Percursos, Sensorialidade e Percepção

Abstract

This essay outlines some results obtained from a survey on accessibility in museums (Cohen, 2008) and links to several activities developed by the Research, Teaching and Design thinking group named ‘Nucleo Pro-acesso/ PROARQ’

Our goal is to assess the conditions of access to museums for disabled people (PMDs); we have chosen to work with heritage buildings, according to the list produced by the National Historic and Artistic Patrimonial Institute (IPHAN) in Rio de Janeiro, Brazil. As well as analyzing this aspect, we are also working on the development of concepts and design perspectives for museal sensitive atmospheres (related to senses, perception and mobility).

The atmospheres experienced by PMDs and the routes followed by them so as to reach the arts scene is a matter for us – and leads to a different kind of reflection. The diversity of situations in which those people are faced with has brought us to a conjoint of sensations and perceptions that makes museal atmospheres an efficient mobilizer for both extreme situations of fear and pleasure.

Our methodological steps in this survey consist of: interviewing visitors with or without some kind of deficiency, following an ethnographic model; providing guided routes; producing roughs and sketches of the place; photographing; shooting; and scanning the route. As for one of our goals, we are producing a descriptive text for the sensitive routes, including sensations and traces of the memorial experience gained with the museal route as well as including the reports made by interviewed people on how they would like the path to be.

At last, as already said, this paper shows some results found with the developing survey and aims at tracing a future panorama of capable strategies for easing the inclusion of people with deficiency in museal atmospheres and enhancing their identity with the cultural world.

Keywords: Museal Atmospheres, Deficiency, Routes, Sensuousness and Perception

Introdução

Além de toda a legislação internacional, fortalecida pela Convenção Internacional das Nações Unidas sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência de 2009, protegendo e garantindo o acesso das pessoas com deficiência aos diferentes aspectos da vida em comunidade, o Brasil também possui leis bastante avançadas no tocante à acessibilidade e ao desenho universal. Apesar disto, com relação aos bens e museus tombados pelo Patrimônio Histórico Brasileiro, ainda vivemos um processo bastante embrionário para garantir que estas leis sejam cumpridas. Esta pesquisa conta com o apoio da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Esperamos alargar o debate, estimulando a adaptação dos espaços dos museus brasileiros, de forma a se tornarem acessíveis a todos e, em especial, às pessoas com deficiência.

Ressaltamos a importância da acessibilidade física, informacional e sensível no processo de democratização do acesso à cultura, que significa proporcionar o prazer e a criação de vínculos emocionais positivos no desfrute dos bens culturais e dos lugares dos museus. Muito mais do que a simples eliminação de barreiras físicas encontradas, trata-se de proporcionar uma percepção ambiental que envolve uma intersensorialidade, o movimento do corpo e o afeto no desfrute dos bens culturais e da experiência com os espaços museais.

Com base em nossas investigações podemos dizer que em um museu todos estes sentidos são acionados e as cenas de uma exposição colocam-se à disposição do público visitante através de percursos que se concretizam através da visão, do tato, do olfato, da audição e da mobilidade.

Ciente de sua responsabilidade, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) começou há algum tempo a se preocupar com a questão, buscando caminhos para disponibilizar para todos os usuários, nossas edificações tombadas e de inestimável valor arquitetônico, nossos sítios históricos, naturais ou construídos, e nossa riqueza cultural e artística.

Desta forma, o IPHAN, dentre outras ações, tem empreendido um grande esforço de partir das idéias para as ações, buscando as experiências bem sucedidas e a parceria com grupos de excelência na pesquisa desta temática voltada para o desenho universal. O Núcleo Pró-Acesso da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por intermédio de suas coordenadoras e autoras deste artigo, tem a honra de ter sido escolhido para o estabelecimento de parâmetros básicos para os museus e instituições culturais (Projeto FAPERJ, Edital de Apoio à Construção da Cidadania da Pessoa com Deficiência) em parceria com o IPHAN.

1 A Questão Conceitual

1.1 Vivendo em um Mundo Sensorial

Os elementos da comunicação sensorial estão desenhados para facilitar o deslocamento das pessoas com deficiência visual e auditiva, não obstante se tenha comprovado que a colocação em prática da mesma é de grande utilidade para todas as pessoas. O objeto principal desta é complementar a deficiência sensorial mediante a estimulação do resto dos sentidos e está dirigida especialmente a orientar, localizar e alertar, com o ouvido, o tato e o olho.

Enrique Saiz Martin. Acreditación de accesibilidad para obras de Patrimônio Histórico.

Nossos referenciais conceituais e espaciais abandonaram velhas noções de que a percepção ambiental é orientada basicamente em um processo sensível visual e cartesiano, apostando em novas representações táteis, térmicas, olfativas e auditivas na lógica própria de cada uma de nossas sensações no espaço museal.

Para muitas pessoas com deficiência, viver em um mundo sensorial e ter acesso aos museus envolve a utilização dos outros sentidos, além da visão, para enriquecer sua experiência do mundo. Algumas vezes estes sentidos necessitam treinamento especial para funcionar melhor, especialmente se a pessoa perde sua visão numa idade avançada. Para pessoas com surdez/cegueira o toque é a ponte para o conhecimento do mundo.

Feche seus olhos e veja o que você pode aprender do mundo ao redor usando sua audição e o sentido do cheiro ou do toque.

Helen Keller. Powerhouse Museum – Exposição Living in a Sensory World – 19 de julho de 2009.

Segundo Jean-François Augoyard (2004), esta experiência sensível precisará ser aplicada a cada um dos canais sensoriais para que as qualidades sonoras, aerodinâmicas, olfativas, táteis do espaço não sejam apenas adições à visibilidade da forma criada. “*A marca dos sentidos esquecidos não poderá jamais tornar-se marcante, nem participar com eficácia na produção da forma*” (Augoyard, In THIBAUD; AMPHOUX & CHELKOFF, 2004, p.22).

Nessa perspectiva, o perceber de uma pessoa com deficiência envolve um conjunto sensorial afetado pelo tipo de mobilização perceptiva ao qual ele dá lugar. Esta é uma discussão que ultrapassa qualquer fundamentação acadêmica ou científica quando damos a voz para as próprias pessoas que possuem deficiências sensoriais, como é o caso do depoimento de uma cega australiana:

Utilizo o toque todos os dias. É uma coisa funcional para mim. Às vezes é uma coisa amável tocar coisas que parecem agradáveis, mas freqüentemente é como eu navego no mundo. O cheiro é a mesma coisa e absoluto, áudio também é fundamental. Nós devemos possuir algum sentido humano inato de desejar conhecer o máximo que podemos acerca do mundo ao nosso redor tanto quanto se faltar uma de suas maneiras de fazer isto, você utiliza tudo o que você pode.

Catherine Mahony, 2008 – Powerhouse Museum – Exposição Living in a Sensory World – 19 de julho de 2009.

Mesmo fugindo de teorizações, não podemos deixar de admitir, como Merleau-Ponty (1984), que qualquer percepção sempre está relacionada a um conjunto de percursos do corpo, que serve como instrumento geral da compreensão do mundo. Segundo este autor, a percepção para quem não possui um dos órgãos dos sentidos afeta sua experiência de mundo. “Cada um sabe do mundo a partir de sua visão pessoal, ou de sua experiência, sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Cada aspecto da coisa percebida é um convite a perceber além”. (Merleau-Ponty, 1984)

1.2 O Conceito de Ambiência Sensível

A Ambiência é o fundo do sensível porque ela associa o ser que percebe com o objeto percebido. Uma ambiência nasce do encontro entre as propriedades físicas circundantes, minha corporeidade com sua capacidade de sentir, se mover e uma tonalidade afetiva.

Jean-François Augoyard. La construction des atmosphères quotidiennes : l'ordinaire de la culture. In CULTURE ET RECHERCHE n° 114-115

Estudiosos das características espaciais que influenciam o comportamento das pessoas há muito abandonaram uma abordagem meramente cartesiana que analisava apenas as condicionantes físicas do meio ambiente. Começou então a surgir a busca de um novo conceito e paradigma a ele associado envolvendo o corpo em movimento, suas expressões motoras, seus percursos sensoriais e cinestésicos e sua capacidade de sentir, sendo influenciado por afetos e sensações na busca de identificação e apropriação dos espaços.

O conceito de ambiências expressa estas atmosferas materiais e morais que envolvem as sensações térmicas, lumínicas e sonoras (Pascal Amphoux, 2004). Seus primeiros teóricos buscavam no desenvolvimento de suas pesquisas a interdisciplinaridade e pretendiam mostrar que a arquitetura e a cidade são fundadas sobre interdependências entre forma construída, forma percebida e forma representada.

Inúmeros debates e colóquios têm sido organizados para avançar nesta temática e na criação de metodologias capazes de avaliar os reais componentes que criam este aspecto tão peculiar na percepção de um espaço que transforma-se em lugar, consolidando-se no que passamos a chamar de “ambiência”.

Em 2008, entramos na Rede Internacional para a discussão das ambiências, com uma produção já considerável de artigos, teses e projetos de pesquisa que, além das componentes acima mencionadas, podem também ser consideradas como as “*atmosferas culturais e subjetivas que envolvem um determinado lugar e seus ocupantes*” (Duarte, Cohen, Brasileiro et al, 2008). Também em 2008, direcionamos nossos estudos para esta vertente e apresentamos nossa perspectiva de trabalho sobre uma ambiência no Colóquio “Faire une Ambiance” – “Creating an Atmosphere”, ocorrido em setembro em Grenoble.

As ambiências podem ser percebidas através de uma luz especial ou um som particular quando nos aproximamos ou chegamos a um determinado lugar. Este, de acordo com as sensações proporcionadas, pode constituir-se na atmosfera calma e apaziguadora ou, ao contrário, em um local confuso e perturbador.

As ambiências propostas por Augoyard procuram dar conta das qualidades sensoriais perceptíveis do meio, como a luz, o som, a matéria tátil e espaços que solicitam a cinestesia e a postura. Vista sob esta ótica, as ambiências museais que trataremos aqui se encaixam no contexto da percepção das pessoas com deficiência com quem estamos trabalhando.

Seguindo esta tendência, o sociólogo francês Jean-Paul Thibaud (2004) trabalha com uma perspectiva pragmática das ambiências urbanas que necessita uma abordagem sensível da cidade. Apoiando-se na fenomenologia da percepção, Thibaud busca o lugar do corpo na maneira de apreender o mundo. “*A noção de ambiência se inscreve nesta perspectiva de ‘embodiment’ para a qual nossas categorias conceituais não são dissociáveis de nossa atividade sensório-motora*” (Thibaud, 2004, p.146).

Assim, esta noção se aproxima bastante com a de lugar, contida em um grande número de trabalhos contemporâneos em filosofia, arquitetura, geografia humana, funcionando como uma crítica ao espaço abstrato e objetivo. Também para Thibaud (2004), a orientação, percurso e movimentação das pessoas pelos lugares ou ambiências envolvem este seu investimento corporal e um caráter situado da percepção no contexto do tempo e do espaço.

1.3 O Acesso à Cultura: um direito universal

Esta pesquisa tem como um de seus principais objetivos fornecer subsídios para a adaptação dos espaços dos museus brasileiros, de forma a se tornarem acessíveis

a todos e, em especial, atender às necessidades das pessoas com deficiência. Isto requer uma orientação dos profissionais de planejamento e projeto responsáveis por estes locais e pelas exposições e obras museográficas cujo acesso deve ser universal e garantido a todos.

A acessibilidade de todos à cultura e aos museus não pode mais ser vista apenas do ponto de vista de seu acesso físico aos ambientes. Ter acesso a um museu e às suas exposições envolve também todos os atos e todas as percepções desejados por um visitante desde o seu ingresso na edificação até sua exploração museal. Falamos aqui do caráter público em toda a sua diversidade, sem esquecermos os pequenos e grandes, míopes e cegos, os que escutam pouco e os surdos, os obesos ou os idosos, as mulheres grávidas ou as pessoas com muletas ou as que se locomovem em cadeira de rodas. Trata-se do conjunto de público que busca encontrar um objeto ou tema para meditar, aprender ou se maravilhar.

Nosso projeto é parte deste processo que visa suprir uma carência de informações, ressaltando a importância da acessibilidade física, informacional e sensível no processo de democratização do acesso de todos à cultura. Pensar nisto significa também dizer que desfrutar prazerosamente dos bens culturais e criar vínculos emocionais positivos com os lugares dos museus significa participar de maneira mais feliz de suas atividades, estabelecendo uma relação de afeto, ao que alguns pesquisadores franceses¹ chamam de “expressão motora de uma afetividade”.

1.4 Patrimônio Tombado e Acessibilidade



Rampa de Acesso ao Victoria and Albert Museum Tombado pelo Patrimônio de Londres

Patrimônio Histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias. Constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos.

Françoise Choay. A Alegoria do Patrimônio.

¹ *Dentre estes pesquisadores, pode-se mencionar Jean-Paul Thibaud (2001) e Rachel Thomas (2000)*

Nosso recorte espacial são as ambiências museais tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) localizadas no Estado do Rio de Janeiro. Como recorte social, trabalhamos com a relação de Pessoas com Deficiência (PCDs) com os museus e seus percursos a estes estabelecimentos de cultura. Indo ainda mais além, estamos também investigando a maneira como as PCDs conseguem chegar aos museus e a relação destes com a cidade onde se localizam. Entendemos, conforme Myrian Sepúlveda dos Santos (2007, In Abreu, Chagas e Santos, 2007, p.359) que a construção de uma cidade é feita por seus usuários e possui marcas deixadas ao longo do tempo. Da mesma forma, compartilhamos da idéia de que um museu deve estimular o desenvolvimento de experiências, memórias e passados diversos, resgatando os laços afetivos que se podem estabelecer com a instituição e contribuindo para seu verdadeiro sentido na cidade.

Como parte de nossa metodologia de análise, incorporamos a avaliação do contexto urbano no qual estes museus estão inseridos, pois entendemos que eles não são edifícios isolados e travam um diálogo muito forte contextualizado dinâmica e reciprocamente por esta relação entre PCDs, pelo “museu na cidade” e pela “cidade no museu”. Os entornos urbanos destas ambiências estabelecem a dialética na sua relação essencial com os museus e isolá-los ou destacá-los seria o mesmo que mutilá-los (Choay, 2006: 200).

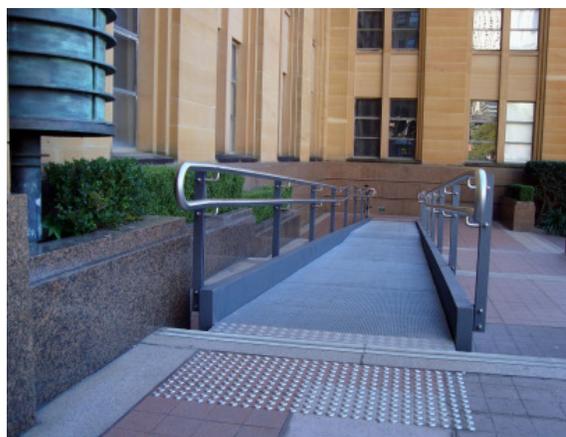
No caso da acessibilidade às ambiências dos museus tombados pelo IPHAN que estamos analisando, algumas delas estão localizadas em cidades históricas, como é o caso de Paraty e Vassouras, que não são apenas palcos de uma vida passada preservada na memória. Segundo José Guilherme Cantor Magnani (2007), a vida ainda pulsa nestes lugares e preservar um patrimônio também significa assumir e selecionar critérios universais que possam ser compartilhados por PCDs no seu usufruto igualitário destes bens culturais.

Entretanto, parece haver uma enorme resistência pela descaracterização que a maioria das adaptações pode causar ao museu e bem tombado. Esta relação entre os usuários com os órgãos preservacionistas é, para Magnani, conflitante, *“seja no que diz respeito aos critérios de escolha, seja com respeito à intervenção do Estado através do mecanismo de tombamento”* (Magnani, 2007, In Abreu, Chagas e Santos, 2007, p.283).



Museu de Arte Contemporânea de Sydney – Prédio Tombado pelo Patrimônio da Austrália.

Acesso ao Museu de Arte Contemporânea de Sydney – Austrália.



1.5 Identidade e Experiência

Por que as pessoas visitam os museus?

As pessoas vêm para preencher específicas necessidades de identidade: exploradores, facilitadores, procuradores de experiência, por hobby profissional, procuradores de conforto.

Palestra sobre Identidade e Experiência na II Conferência Inclusive Museum em Brisbane – julho de 2009.

Quando visitam um museu, muitas vezes as pessoas são motivadas por uma curiosidade pessoal: “*eu venho aqui primeiramente porque isto me interessa e eu gosto.*” Algumas estão à procura de experiência, movidas pelo desejo de ver e experienciar o lugar: “*eu venho aqui porque existe uma atração ou coisa a fazer nesta comunidade, por causa de sua reputação.*” Em outras situações elas visitam os museus apenas por uma necessidade de contemplação ou recarga de energia quando aquele lugar museal lhe ajuda a sentir revigorado ou focado pelo prazer da apreciação.

Pensamos, portanto, que para atrair os visitantes com deficiência ou qualquer outra pessoa, é necessário estratégias que lhes proporcionem as suas identidades, assegurando que suas experiências no entorno, no acesso e no interior do museu verdadeiramente preencham suas necessidades e expectativas.

Eu ficava fascinado pelo que via nas imensas vitrines: objetos de culturas desaparecidas ou em via de desaparecimento. Aquilo me tocava muito. Estas visitas foram determinantes para mim e para o meu trabalho artístico.

Christian Boltanski.

Para Boltanski, um dos maiores artistas franceses contemporâneos, os museus participam da construção de uma identidade plural e retraçam os episódios de uma existência aleatória na qual cada um pode se reconhecer. A ausência, o tempo que passa, o desaparecimento e a morte constituem seus temas prediletos. Os museus para ele são guardiães da memória e pertencem a todo mundo.

2 O Percurso de Pessoas com Deficiência nos Museus do IPHAN e do IBRAM no Estado do Rio de Janeiro – Metodologia

Os percursos – Para certos pesquisadores, o percurso representa o movimento do corpo, o deslocamento no espaço. Para outros, ele é descrito como uma interação concepção / visita, o percurso sendo levado em conta em função do contexto. Por exemplo, considera-se a visita como um deslocamento entre o ‘bom corpo visitante’ (aquele imaginado pelos que concebem), e o “corpo de apropriação” do visitante. O percurso representa “exposição em tempo real”. Visitar implica uma sucessão de atos: ‘andar, fixar seu olhar, ver, ler, afastar-se, comparar, lembrar-se, discutir, etc’. Com o percurso, o simples fato de se deslocar começa a possuir sentido.

MARIANI-ROUSSET, Sophie. La méthode des parcours dans les lieux d'exposition.

A reunião dos trabalhos sobre “métodos de pesquisa dos espaços urbanos” feita por Grosjean e Thibaud (2001) mostra uma evolução na maneira como a cidade tem sido analisada metodologicamente. Estes estudos influenciaram a escolha de nossa metodologia, incorporando alguns conceitos desenvolvidos no “método dos percursos comentados” desenvolvidos por Jean-Paul Thibaud (2001). Tornou-se ainda mais evidente a necessidade de entendimento dos museus como intimamente ligados aos ambientes subjetivos e especialmente caracterizados como espaços psicológicos que abrangem aspectos sensoriais, cinestésicos e as sensações que estão presentes nos deslocamentos.

A nova postura de dar credibilidade aos agentes que utilizam os ambientes museais foi escolhida como instrumento de pesquisa por ressaltar o valor da experiência

e da ação. Seguimos a perspectiva de acompanhamento de certos itinerários ou percursos, onde a relação entre corpo e ambiente tornou-se mais forte. A interdisciplinaridade ajudou a definir um caminho de investigação que incorpora: percursos pelo museu, entrevistas de cunho etnográfico com as pessoas com deficiência e com gestores, mapeamento de percursos, visitas guiadas e filmagens. Uma opção por alguns procedimentos da pesquisa etnográfica foi influenciada pelo antropólogo François Laplantine (2007), para quem os erros cometidos no campo constituem informações para o pesquisador, como aconteceu no nosso caso. Houve, assim, muitos encontros decorrentes dos imprevistos e eventos que não esperávamos, que, de certa forma, nos auxiliaram a não cair no erro de entrevistas clássicas que não dariam conta de responder aos nossos anseios de saber o concreto da experiência e das emoções vividas no ato de percorrer e explorar os museus visitados. Buscou-se a compreensão da realidade encontrada a partir de uma percepção em movimento e de uma metodologia de pesquisa que trabalha com contextos, situações, perspectivas, culturas e estratégias. O método não utilizou apenas o discurso do movimento das pessoas pesquisadas, mas procurou “perceber em contexto”. A proposta do trabalho de Thibaud é compreender as características sensíveis de um lugar (1997), configurando a percepção de uma pessoa que caminha, seus sentimentos e afetividades e levando também em consideração o “inevitável colocar em movimento da percepção”.

2.1 Filmando percursos e experiências

... a maior parte da etnografia é encontrada em livros e artigos, em vez de filmes, discos, exposições de museus, etc. Mesmo neles há, certamente, fotografias, desenhos, digramas, tabelas e assim por diante. Tem feito falta à antropologia uma autoconsciência sobre modos de representação (para não falar de experimentos com elas).

Clifford Geertz apud José Reginaldo Santos Gonçalves. *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios*.

Para compreender o caráter de uma ambiência museal do ponto de vista perceptivo das PCDs, entendemos que o museu é vivido através da percepção visual e da percepção ‘háptica’ (percepção ligada ao tato e aos movimentos do corpo). Esta experiência é obtida através das duas percepções.

A utilização do vídeo como método para a análise da percepção e das sensações vividas nas ambiências museais pesquisadas tem sido um instrumento necessário para a compreensão dos percursos e discursos efetuados e das situações encontradas nos ambientes por pessoas com alguma deficiência. A documentação visual, através de vídeo, fornece um registro fundamental para o entendimento dos percursos, dos afetos, das emoções, da identidade e da apropriação de ambiências

museais. Está sendo muito importante este instrumento do “vídeo na pesquisa” para registrar as dificuldades e situações de percepção em movimento encontradas por estas pessoas nos museus, e as características ambientais do corpo deficiente situado.

2.2 Entrevistando e coletando depoimentos dos usuários

Após a visita guiada entrevistávamos as PCDs que participaram da experiência, quando através de seus discursos, depoimentos e narrativas, elas iam recordando, através da memória, como havia sido a experiência, buscando também entender e explicar suas sensações e percepções de acordo com o contexto percorrido e a visita orientada.

Embora tenhamos trabalhado com a entrevista informal, foi necessária a adoção de um roteiro esquemático com as principais questões que não tivessem sido registradas nos percursos como as características físicas, influências que o caminhar teve na percepção em movimento, emoções e/ou sentimentos que foram despertados, pontos mais marcantes, relação da deficiência com a forma como era feito o percurso, imagens que vinham à mente ao se deslocar, comparações com outros museus. Segundo John Zeisel (1981, p.137), as entrevistas informais auxiliam o pesquisador a descobrir o que as pessoas pensam, sentem, fazem, sabem, acreditam e esperam. No nosso caso, elas contribuíram na análise da locomoção de PCDs pelo museu, da sua prática e experiência ambiental (ambiente vivido), das características das ambiências (situações) e das percepções situadas (ambientes percebidos).

O acompanhamento dos percursos e todas as observações colocadas nas entrevistas possibilitaram a compreensão fenomenológica dos deslocamentos efetuados no museu e de sua acessibilidade motora, emocional e social.

3 Acessibilidade, Percursos, Identidade e Experiências de Pessoas com Deficiência nos Museus Pesquisados

Uma das funções de um museu é a de promover o ‘deleite afetivo’, (...) as relações de subjetividade que se estabelecem entre os indivíduos e as coisas, e que funcionam, por exemplo, como suportes da memória, marcas identitárias, e agem para definir trajetos, para explicar percursos, para reforçar referências, definir amarras (...).

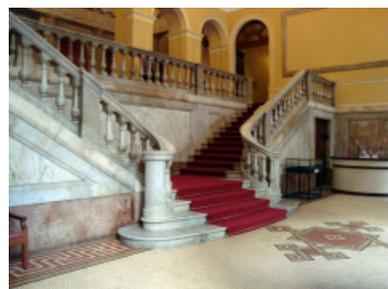
Ulpiano T. B. Bezerra. O Museu e o problema do conhecimento. In José Neves Bittencourt. Uma exposição e suas teses.

A proposta dos percursos efetuados foi árdua. Eles procuraram lidar com a acessibilidade encontrada, com as memórias, imagens e identidades construídas que nem sempre nos fornecem um quadro completo por corresponderem a uma diversidade de experiências vividas por pessoas com deficiência que não se encontram parados no tempo, mas em contínua transformação.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES – RIO DE JANEIRO



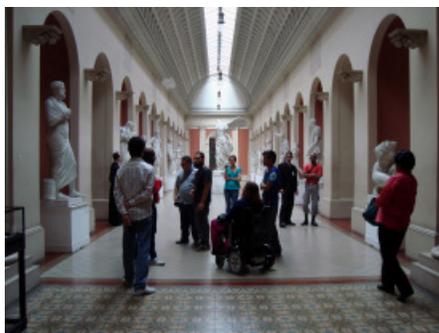
Museu Nacional de Belas Artes



Escadaria de Acesso na entrada principal

Chegando aqui, percebo que a arquitetura do prédio é uma arquitetura bonita, deu para perceber através das escadas que a parte arquitetônica é bem legal. O espaço do prédio é bem amplo. Tive facilidade para poder chegar aos mais diferentes pontos do museu.

Depoimento de um cego que participou da entrevista



A parte que eu acho que precisa ser providenciada, é o acesso dos cegos às esculturas, nem mesmo as esculturas de bronze, de mármore podemos ter acesso, então se nós vamos ao Museu de Belas Artes e não temos acesso a nenhuma escultura, eu acho que a nossa acessibilidade foi nenhuma, porque ficamos a mercê de informações que nos são passadas pelas pessoas que estão vendo. Não pudemos sentir nenhuma obra, nenhuma escultura. Depoimento de um cego que necessitou tocar nas esculturas, mas foi impedido.

MUSEU NACIONAL – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



*Museu Nacional – UFRJ
Visita Guiada com um Arte-
Educador*



*Uma pessoa com deficiência visual
explorando uma obra através do tato*



Entrevistas após o percurso

MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS - A EXPERIÊNCIA MUSEOGRÁFICA. O Acesso e o Toque



*Pessoa com Deficiência Visual
tocando uma escultura nos jardins do
Museu Imperial de Petrópolis*



*Acesso principal ao Palácio Rio
Negro em Petrópolis*

MUSEU DO AÇUDE – RIO DE JANEIRO



Museu do Açude – Acessos e Percursos



Museu do Açude – Acesso ao 2º andar



Museu do Açude – Entrev. com uma surdocega

A minha experiência no Museu do Açude na verdade não aconteceu porque começou a cair uma chuva muito forte. Eu andei mais pelo gramado, auxiliada pelo motorista, e na hora que chegamos para fazer a visita guiada com um grupo de deficientes eu fiquei aguardando no escritório técnico. Por causa da chuva eu acabei não visitando o museu.

Já estou fora do museu, já estou na cidade, chegando em casa e me deu a sensação de que eu fui para o museu e não o conheci. Eu vou conhecer o museu por intermédio das fotos porque o percurso também era muito complicado. Esta não era a experiência que eu gostaria de ter do museu de Itaipu, estou um pouco triste, não sei se vou ter a oportunidade de voltar, ainda temos muitos museus para visitar, mas vamos tentar um dia pelo menos conhecer ao vivo o museu e não por meio de outros recursos.

O depoimento de Regina Cohen – uma das Coordenadoras da investigação e da pesquisa de pós-doutorado.

Considerações Finais - Ambiências Sensíveis e Museus

A principal pergunta que fazíamos após o percurso no museu pesquisado era “Como foi sua experiência”?

Em muitos museus, os cegos reclamavam das peças que não podiam ser tocadas para não serem danificadas, mas que os gestores planejavam trabalhar nessa questão com réplicas. Mencionavam também a contratação de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), para uma pessoa com deficiência auditiva, porque muitas pessoas só pensam que o surdo está vendo. O surdo está vendo, mas não sabe o que está acontecendo em todo o ambiente por não estar escutando.

Para as deficiências sensoriais de visão, o tocar é fundamental, para que os cegos se sintam totalmente incluídos e interagidos com as demais pessoas. Elas revelaram se sentirem felizes e satisfeitas ao poderem realmente acompanhar todo o trajeto tranqüilamente, tendo todo o conhecimento do que está se passando.

A mão, esta ferramenta essencial de apreensão do mundo ambiente, torna-se o suporte de múltiplas explorações táteis. Os participantes com luvas inventam uma segunda pele que modifica por momentos o tocar e revela sensações inesperadas.

Centro Pompidou

Com relação às pessoas que se locomovem em cadeira de rodas, existem muitas barreiras físicas no acesso externo e interno das ambiências museais. Alguns espaços são mais acessíveis, mas não existem trajetos e percursos plenamente facilitadores do afeto e do prazer no desfrute dos museus que foram pesquisados. Todas as entrevistas, percursos, filmagens e depoimentos que estão sendo colhidos ao longo desta investigação estão servindo como ferramentas poderosas para a compreensão da acessibilidade de todos ao nosso patrimônio cultural e às ambiências de nossos museus tombados. Estas, quando bem compreendidas, expressam diferentes representações coletivas, as quais estabelecem múltiplas conexões entre si, e em situações de pesquisa o que sobressai é a transformação do informante em intérprete de seu próprio patrimônio. Isto é o que estamos tentando alcançar com a nossa metodologia de pesquisa.

Entendemos, conforme Sylvie Grange (2007), que qualquer que seja a proposta de um museu, suas dimensões poéticas e sensoriais são essenciais. Ela não pode ser ultrapassada sob silêncio, correndo o risco de uma verdadeira cacofonia. “*O museu é plural, ele se destina ao mesmo tempo a cada um e a todos. Se as vias da descoberta são infinitas, como encontrar o caminho? Ninguém deve ser negligenciado, e, principalmente aquele que fala a linguagem do corpo. Ele é ator e não espectador da visita*”.

Outro aspecto importante desta investigação trata da participação de uma de suas autoras que por ser pessoa com deficiência física locomovendo-se em cadeira de rodas, tem se envolvido naturalmente com os seus informantes e sujeitos de sua pesquisa. Para Laplantine (2007), esta implicação, longe de ser um obstáculo ao conhecimento científico, pode se transformar em um instrumento, permitindo colocar as questões que não se colocavam em outra época, variar as perspectivas, estudar objetos novos.

Uma outra importante questão colocada: Como se parece seu museu imaginário, que imagens ou idéias são associadas? Nossas respostas são: serenidade, prazer por sua atmosfera, luxo, calma e volúpia. O verdadeiro luxo, aquele das emoções raras, a verdadeira calma, aquela que perturba nossas certezas, a verdadeira volúpia, aquela que não pode com nenhuma brincadeira e que sempre se surpreende com ela mesma. Isto também nos conduz a uma questão final sobre o que esperamos de nossos museus brasileiros: que eles nos surpreendam, nos libertem das preconceções e nos conduzam além de nós mesmos, museus sem barreiras, nem preconceitos, onde os séculos e as civilizações se misturam e se reencontram, porque o homem precisa de referências e depois de ter produzido e consumido tantos bens culturais, ele possui necessidade de se reconhecer nos museus e locais que abrigam estes bens e estas ambiências que pretendemos sensíveis, plenas de acessibilidade e cultura para todos.

Bibliografia

AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul et CHELKOFF, Grégoire (2004), *Ambiances en Débats*. Bernin : À La Croisée.

AUGOYARD, Jean-François (2004), *Vers une esthétique des Ambiances*. In AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul et CHELKOFF, Grégoire. *Ambiances en Débat*. Bernin : À La Croisée, pp. 7-30.

_____. *La construction des atmosphères quotidiennes: l'ordinaire de la culture*. In CULTURE ET RECHERCHE n° 114

BEZERRA, Ulpiano T.B. (2002), *O museu e o problema do conhecimento*. In BRASIL. Fundação Casa de Rui Barbosa. Anais do IV Seminário sobre Museus-Casas: Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa.

BOLTANSKI, Christian (2008), *MUSÉUM CONNEXION – Rencontres – Questions à Trois Acteurs de l'art*. MAGAZINE AIR FRANCE, Gallimard Loisirs • septembre.

CHOAY, Françoise (2006), *A Alegoria do Patrimônio*. [Trad. Luciano Vieira Machado]. 3ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP.

COHEN, Regina (2008), *Acessibilidade de Pessoas com Deficiência às Ambiências dos Museus do Estado do Rio de Janeiro: Ter Acesso, Percorrer, Ver, Ouvir, Sentir e Tocar*. Projeto de Tese de Pós-Doutoramento submetido à FAPERJ e vinculado ao Proarq/ Ufrj.

COHEN, Regina (2006), *Cidade, corpo e deficiência: percursos e discursos possíveis na experiência urbana*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ.

II Conferência Inclusive Museum em Brisbane. Palestra sobre Identidade e Experiência. julho de 2009.

DUARTE, Cristiane Rose & COHEN, Regina (2008), *Acessibilidade como fator de Construção do Lugar*. No prelo.

DUARTE, C. R.; COHEN, R. ; SANTANA, E.P. ; BRASILEIRO, A. ; DE PAULA, K.; UGLIONE, P.: *Exploiter les ambiances : dimensions et possibilités méthodologiques pour la recherche en architecture.. Actes du Colloque International Faire une Ambiance*. Laboratoire Cresson, École Nationale Supérieure d' Architecture de Grenoble. <http://www.cresson.archi.fr/AMBIANCE2008-commSESSIONS.htm - 2008>

GEERTZ, Clifford. apud José Reginaldo Santos Gonçalves (2007), *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios*. In JÚNIOR, José do Nascimento; CHAGAS, Mário. *Coleção Museu, Memória e Cidadania*. Rio de Janeiro.

_____. (2006), *Arquitetura, Espaço, Acesso e Afeto*. Bengala Legal, Rio de Janeiro, p. 1 - 1, 10 jan. 2006. - <http://www.bengalalegal.com/>

GRANGE, Sylvie (2007), *50 lux et pas dans le noir !* In CULTURE ET RECHERCHE n° 113.

GROSJEAN, M. et THIBAUD, J-P [Org.] (2001), *L' Espace Urbain en Methodes*. Ed. Parenthèses, Marseille.

IPHAN. Instrução Normativa n° 1. 2003 (www.iphan.gov.br)

Laplantine, F (2007), *La Description Ethnographique*, Paris: ed. Armand Colin.

MAGNANI, José Guilherme Cantor (2007), *Santana do Parnaíba: memória e cotidiano*. In Regina Abreu, Mário de Souza Chagas e Myrian Sepúlveda dos Santos (Org.). *Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond, MINC / IPHAN / DEMU.

MAHONY, Catherine (2009), In Powerhouse Museum, Sydney, Australia. Exposição Living in a Sensory World – 19 de julho.

MARIANI-ROUSSET, Sophie (2001), *La méthode des parcours dans les lieux d'exposition*. In Grosjean, M. et Thibaud, J-P (Org.). *L' Espace Urbain en Methodes*. Ed. Parenthèses, Marseille.

MARTIN, Enrique Saiz (2007), *Acreditación de accesibilidad para obras de Patrimônio Histórico*. In *Accesibilidad y Patrimônio: yacimientos arqueológicos, cascos históricos, jardines y monumentos*. Junta de Castilla y León: Consejería de Cultura y Turismo.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1984), *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

POWERHOUSE MUSEUM, Sydney, Australia. Exposição Living in a Sensory World – 19 de julho de 2009.

SANTOS, Myrian Sepúlveda (2007), *À procura da alma encantadora da cidade*. In Regina Abreu, Mário de Souza Chagas e Myrian Sepúlveda dos Santos (Org.). *Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: Garamond, MINC / IPHAN / DEMU.

THIBAUD, Jean-Paul (2004), *O Ambiente Sensorial das Cidades: Para uma abordagem de ambiências urbanas*. In: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.) *Psicología e Ambiente*. São Paulo: Educ.

THIBAUD, Jean-Paul (2001), *La méthode des parcours commentés*. In Grosjean, M. et Thibaud, J-P [Org.]. *L' Espace Urbain en Methodes*. Ed. Parenthèses, Marseille.

Thibaud, J-P. e Chelkoff, G (1997), *Ambiances sous la ville*. Grenoble, Cresson, Plan Urbain.

THOMAS; Rachel (2000), *Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l'accessibilité piétonnière des villes*. Thèse de Doctorat en sciences pour l'ingénieur, Filière doctorale Ambiances Architecturales et Urbaines : Université de Nantes, Ecole Polytechnique, Laboratoire CRESSON.

ZEISEL, John (1981), *Inquiry By Design: Tools for Environment-Behavior Research*. California: Brooks/Cole Publishing Company.